

A VIAGEM

Plínio Carneiro

Era um quadro na parede, de um azul riquíssimo, aveludado, fofo. Era um azul lindíssimo, furado aqui e ali de pequenos pontos de leite, brilhantes, e que aumentavam e diminuam de tamanho e intensidade num simples apertar de olhos. Da cama, a cabeça apoiada no travesseiro alto, ele podia ver aquele azul, que antes era apenas uma paisagem sem compromisso, mas que agora se transformava diante de seus olhos gordos e redondos.

Era um relógio cor-de-rosa, projetando seus ponteiros, juntinhos, verticais, para a frente e para o alto, em direção ao planalto. Um relógio de patas de elefante, avançando e recuando nas batidas do tic-tac das engrenagens, que soavam como as badaladas da Torre de Piza, inclinada como uma solene mesura dos súditos do Rei da Vela.

Era uma mesa de plataforma alta, suportando um copo de ágata, com água leitosa até a metade, estático, mas esbarrando no envelope estanhado, de língua estrangeira, que batia suas asas como uma borboleta de marfim. De resto, nada mais que a horizontalidade a perder de vista, longe, longe, a provocar cócegas no meio dos olhos, tropeçando nas dobras do pensamento que fugia para trás, riscado de ouro e prata.

Seu corpo pesado afundava-se na cama e ondas sucessivas vinham cobrir sua garganta, que gargarejava a fumaça roxa do cigarro áspero e grosso. Os pés, calçados com meias de palha, não se juntavam no fim do estrado: batiam um no

outro; as mãos, de dedos ora curtos, ora compridos, tocavam no teto num simples levantar de braços.

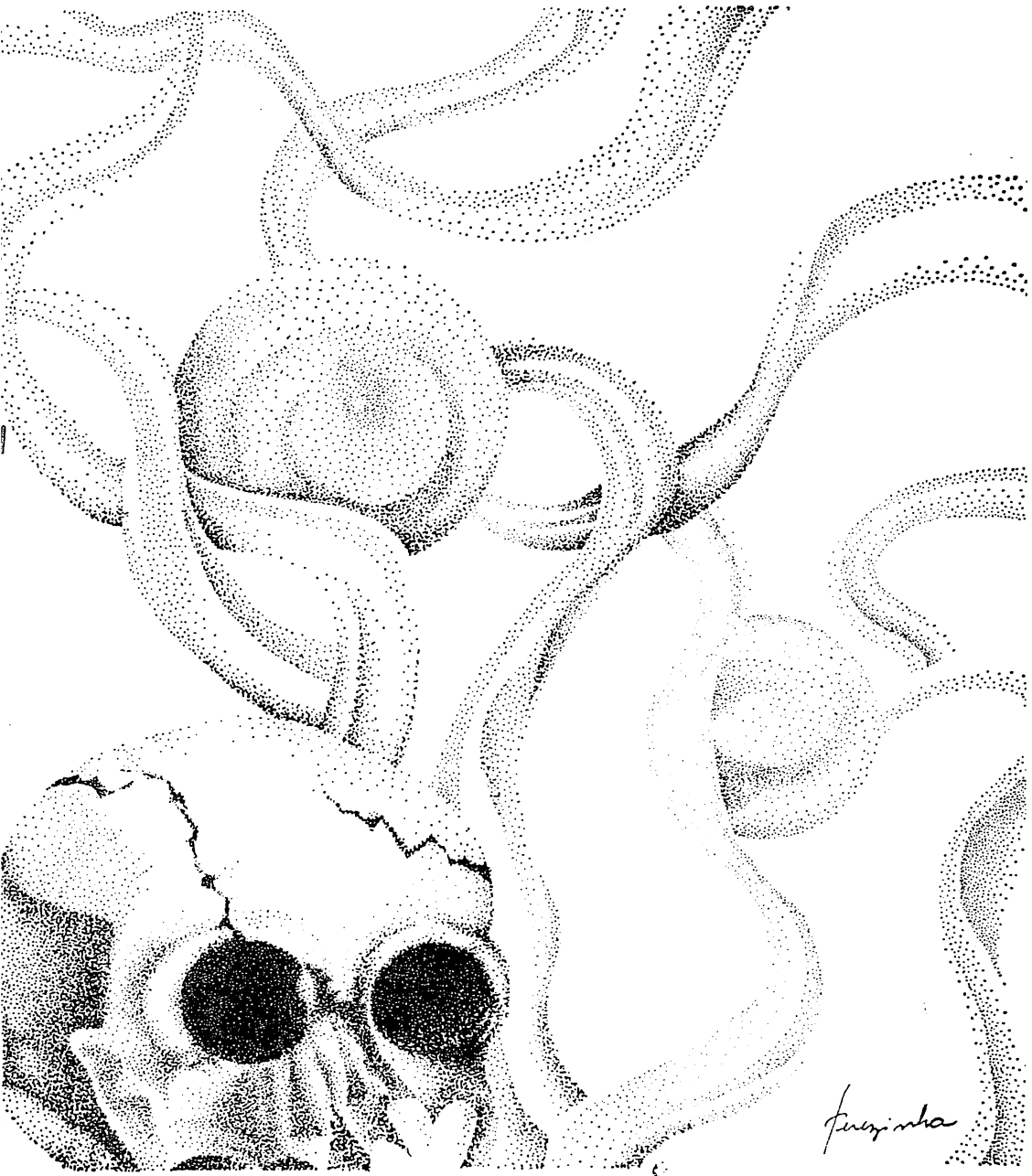
Seus olhos rolavam, paravam, não se fixavam em parte alguma, buscando os contornos da fumaça azul que subia da ponta do cigarro, da fumaça roxa que saía dos pulmões, formando formas grotescas, dantescas, bestas. Debaixo da porta o vento soprava a música suave, emoldurante, de uma viola, de bolso, desencordada. A pintura da parede arrebetava como bolhas de sabão: inflava, rebentava, voltava a inchar.

Fechou os olhos nas lembranças das violas, das gaitinhas de criança. E lá ia ele de novo, sentado na pedra da Casa Nova, em Cláudio Manoel de Boa Vista, a cantar com voz-de-taquara-rachada a Saudade do Matão. E a mãe na janela, imensa, a sorrir sorriso de mãe para a criança que não ganhara bola da avó e que tinha inveja do irmão do meio. Por isso, cantava na pedra. Lembranças.

Os olhos se apertavam mais e mais e viam a irmã e o irmão andando à cavalo, sozinhos na sela, e o pequeno catarrento na garupa do pai, chorando um lugar ao sol da sela do baio que trotava vazio. E as lágrimas do menino, enxurrada subindo e descendo do nariz, caíam no chão de sangue, sangue da cabeça do que levara um tapa na cara e não reagira — “não briga na rua, menino”. Lembrarás.

Sentiu o corpo inflar e boiar no espaço de raiva, buscando uma foto, uma revista, um livro de catecismo — de joelhos pedindo pelo-amor-de-Deus para fazer a primeira comunhão. Tudo se apertava dentro do corpo e ele escorregava para dentro da própria garganta, preso sem motivo pelo que não fizera, mas pelo que assumira a culpa. O revólver escondido na gaveta esperava o agressor — homem que é homem não bate por trás, vem pela frente, é mais leal.

Sua garganta apertava e se abria, na passagem do líquido e do sólido — o revólver, a navalha na frente, e nem espaço para sumir na Conchinchina. O corte, a veia jogando um risco fininho no teto, os pães se tingindo e os dentes quebrando os ossos da mão, retorcida e sangrenta. Os carros se



fujiwha

afastando, o porquê perguntando nas bocas das pessoas, o balançar das cabeças — coitado, tão novo. Os cachorros lambendo as sobras pelo meio-fio. Lembrarás, recordarás sempre.

A cama enorme não cabia seu corpo minúsculo, de fogo. Os olhos de raiva iam do holofote à foice de feno, procurando o soco por trás da cabeça. Procurando a bola, a sela do cavalo, a primeira comunhão, o revólver escondido na gaveta, a navalha, o corte, o sangue, os cachorros.

Aquele objeto enorme veio boiando no ar, uma gigantesca ave de asas transparentes, as pernas peludas, um alicate no alto da cabeça. Apareceu dando voltas no teto, sem rumo, e pousou sua repelência sobre a mesa: num átimo ganhou a borda e, de repente, pulou sobre a cama.

Ele abriu os olhos com o barulho do grito, retorcido e medroso. Seu corpo nadava nos panos, os olhos recusavam a luz que entrava na vidraça. O velho relógio, enferrujado, mostrava os dois ponteiros juntinhos, para baixo, para o nada.

Sentiu a boca seca, a cabeça pesada, o gosto amargo dos cigarros da noite. Procurou água no copo, insossa, vomitada logo em seguida. As mãos tremiam, o corpo doía, as roupas amassadas caídas nas canelas. Ao pé da cama, o velho álbum de lembranças adormecidas. No criado, o envelope estanhado, de língua estrangeira, vazio, o acusava. Na parede, uma paisagem de folhinha, um quadro sem significação.